



O Acordo de Transferência e o Movimento de Boicote:

Um dilema judaico na véspera do Holocausto

Yfaat Weiss

No verão de 1933, a Agência Judaica para a Palestina, a Agência Sionista Alemã Federação e o Ministério da Economia alemão elaboraram um plano destinado a permitir Judeus alemães emigrando para a Palestina para reter parte do valor de suas propriedades em Alemanha, comprando produtos alemães para o Yishuv, que os resgataria em Moeda local da Palestina. Este esquema, conhecido como Acordo de Transferência ou *Ha'avarah*, atendeu às necessidades de todas as partes interessadas: judeus alemães, a comunidade alemã economia, e o Governo Mandatário e o Yishuv na Palestina. O Acordo de Transferência tem sido objeto de extensa literatura de pesquisa.¹ Muitos judeus foram criticou o Acordo desde o início. As negociações entre os sionistas movimento e representantes oficiais da Alemanha nazista evocaram muita ira. Em retrospectivamente, e tendo em conta o que sabemos sobre a aniquilação dos judeus europeus, estas relações entre o movimento sionista e a Alemanha nazista parecem especialmente problemático. Mesmo assim, porém, as negociações e o acordo que geraram foram profundamente controversos em amplos círculos judaicos. Por esta razão, até 1935, o A Agência Judaica mascarou o seu papel no Acordo e tentou fazê-lo passar por um acordo econômico entre partes privadas.

Um dos principais objectivos das autoridades alemãs nas negociações com os sionistas movimento deveria fragmentar o boicote judaico aos produtos alemães. Embora em retrospectivamente, sabemos que o boicote teve apenas um efeito marginal na economia alemã.

¹ Eliahu Ben-Elissar, *La Diplomatie du IIIe Reich et les Juifs (1933-1939)* (Paris: Julliard, 1969), p. 85-94; Werner Feilchenfeld, Dolf Michaelis, Ludwig Pinner, *Haavara-Transfer nach Palästina und Einwanderung deutscher Juden 1933-1939* (Tübingen: JC Mohr, 1972); Avraham Barkai, "Interesses Alemães no Acordo de Transferência de Haavara 1933-1939", no *Anuário do Instituto Leo Baeck*, XXXV (1990) pp. Edwin Black, *O Acordo de Transferência: A História Não Contada do Acordo Secreto entre o Terceiro Reich e a Palestina Judaica*, (Nova York: Macmillan, 1984); Yehuda Bauer, *Judeus à venda? Negociações Nazi-Judaicas, 1933-1945* (New Haven: Yale University Press, 1994), pp. 5-29 (Bauer, *Judeus à Venda?*); Yoav Gelber, "Política Sionista e o Acordo de Transferência 1933-1935" (hebraico), *Yalkut Moreshet* 17 (fevereiro de 1974) (Gelber I), pp. -100; David Yisraeli, *O Reich Alemão e a Palestina: Os Problemas da Palestina na Política Alemã 1889-1945* (Hebraico) (Ramat Gan: Universidade Bar-Ilan, Departamento de História Geral, 1974), pp.



desenvolvimento na década de 1930,² na altura foi percebido como uma ameaça genuína.

Correspondência entre Heinrich Wolff, cônsul alemão na Palestina, e o

O Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão mostra que o fim do boicote foi um motivo chave para as autoridades alemãs concluírem o Acordo de Transferência.³ Na ausência de dados precisos

informações sobre a posição do Yishuv no movimento de boicote internacional,

alguns tendiam a acreditar que um impacto económico considerável poderia ser alcançado através da celebração de um contrato com o Yishuv palestino. Ninguém duvidou do peso moral

que quebrar o boicote no Yishuv teria consequências para os judeus mundiais.

O movimento judaico para boicotar os produtos alemães foi o principal entre os esforços de

organizações judaicas internacionais em nome dos judeus alemães, e judeus

comunidades em todo o mundo, especialmente nos Estados Unidos, França e Grã-Bretanha,

participou disso. O movimento de boicote na Polónia foi particularmente forte e tornou-se preeminente

nas ações judaicas contra a Alemanha nazista.⁴ Além do boicote,

Os judeus polacos conduziram uma ampla campanha na imprensa para virar a opinião pública contra

Alemanha e ofereceu assistência activa aos judeus alemães que fugiram para a Polónia em

busca de refúgio. Os judeus alemães tinham sentimentos confusos sobre estas iniciativas, temendo que

irritar as autoridades alemãs e agravar a sua situação. O boicote

movimento foi amplamente percebido como uma ameaça aos interesses dos judeus alemães, pois

pode fazer com que os alemães endureçam o seu próprio boicote económico antijudaico. Era

também considerado um impedimento potencial ao Acordo de Transferência, um acordo

que serviu aos interesses básicos dos judeus alemães no que diz respeito à economia e à emigração.⁵

Os acontecimentos da década de 1930 na Alemanha criaram uma forte relação entre os alemães

e os judeus polacos, ambos ameaçados pelas políticas nazis.

No entanto, embora os judeus alemães tivessem de enfrentar o fim da emancipação judaica em

Alemanha e a intrusão do novo regime em todos os aspectos das suas vidas, a Polónia

Os judeus lutaram com as implicações diretas e indiretas do domínio nazista na Alemanha por

o estatuto dos judeus europeus em geral e dos judeus polacos em particular. Porque eles

² Barkai, "Interesses Alemães", p. 248.

³ Gelber I, pág. 117.

⁴ Sobre o movimento de boicote na Polónia, ver Emanuel Meltzer, "The Jewish Anti-German Economic Boycott in Poland, 1933-1934" (hebraico), *Gal-Ed*, 6 (1983), pp. Boicote Alemão".

⁵ Gelber observa que foi decidido, juntamente com a delegação sionista alemã em Londres, no início de abril de 1933, evitar aderir ao nascente movimento de boicote anti-alemão, a fim de poder continuar a atividade sionista na Alemanha. Gelber I, pág. 102.



enfrentaram problemas diferentes, os judeus alemães e os judeus poloneses inclinaram-se para diferentes soluções políticas. Os judeus alemães tiveram que formular táticas de sobrevivência vis-à-vis os nazistas governo do seu próprio país, enquanto os judeus polacos lutavam contra o anti-
Políticas judaicas de um país vizinho e sua influência indireta na vida judaica em Polônia. O Acordo de Transferência e o movimento de boicote reflectiram diferenças e até mesmo atitudes conflitantes em relação às formas apropriadas de lidar com as novas realidades em Alemanha pós-1933. Portanto, a controvérsia entre seus defensores é uma questão de significado fundamental. Estas não eram apenas táticas diferentes na busca do mesmo objetivo, mas produtos de diferentes perspectivas gerais sobre a natureza da Socialismo, anti-semitismo em geral e vida judaica na diáspora. Consequentemente, o O Acordo de Transferência e o boicote reflectem as diferentes experiências históricas Os judeus alemães e polacos e representam as diferentes culturas políticas que se fundiram em resposta a diferentes experiências históricas.

O terceiro lado deste triângulo é o Yishuv na Palestina, que seria o principal beneficiário do plano de transferência. O dinheiro que o Acordo de Transferência traria ao Yishuv era necessária para ajudar a construir a infra-estrutura económica com a qual o país poderia absorver o fluxo de judeus da Alemanha. No entanto, embora o O Acordo de Transferência baseou-se no desejo de ajudar os judeus alemães a escapar, o quiescência e estabilização temporárias que se seguiram na Alemanha vários meses depois trouxe à tona as considerações económicas do Yishuv, e o Yishuv a liderança estava cada vez mais preocupada com as vantagens económicas que resultaria para esta comunidade se a base da vida judaica na Alemanha fosse eliminada. A vacilação entre transferência e boicote, do ponto de vista do Yishuv necessidades, foi o principal entre dilemas semelhantes que a liderança do Yishuv teve que enfrentar durante todo o período do Holocausto. O conflito de interesses que eclodiu entre os requisitos do Yishuv e as necessidades diferentes e às vezes conflitantes das comunidades da diáspora apresentou ao movimento sionista dilemas que o antepassados do sionismo, convencidos de que a angústia dos judeus da diáspora e dos ricos sendo que a solução sionista proporcionaria duas faces da mesma moeda, não tinha previsto.

Enquanto os judeus alemães eram destruídos, o movimento sionista e o Yishuv liderança estavam engajadas em uma luta interna pelo poder político entre o Partido Trabalhista movimento e os Revisionistas. Esta luta abraçou todas as esferas da vida judaica em



Palestina e baseou-se nas lutas pelo poder político dentro das comunidades da Diáspora, que deu contornos às instituições sionistas centrais. Discussão dos dois alternativas - boicote ou transferência - tornaram-se parte da luta entre o Os Revisionistas e o movimento Trabalhista e espelharam claramente as atitudes fundamentais destes dois principais movimentos sionistas em direção à substância da política sionista. A transferência e o boicote, questões importantes na vida política judaica às vésperas do Holocausto, esteve na encruzilhada dos contrastes entre os judeus polacos e alemães, o Yishuv e a Diáspora, e os movimentos trabalhistas e revisionistas. A decisão a favor do boicote ou da transferência foi a primeira de muitas decisões que o Yishuv tomaria. ter que fazer nos anos seguintes, tendo em conta a catástrofe que se abateu sobre a Europa Judeus. Este artigo esboça a teia de motivos, considerações, contradições e conflitos entre estas duas alternativas principais, tendo em mente que mesmo neste momento fase do Holocausto, os limites da atividade política judaica são identificáveis dentro do redemoinho.

O Boicote e a Sociedade Judaica Tradicional

A participação da Polónia nas exportações alemãs foi insignificante em comparação com a importância destas exportações para a economia polaca. Nos anos anteriores à adesão nazista, A Alemanha foi um importante país de origem das importações polacas devido à sua localização geográfica. proximidade e a vontade dos comerciantes alemães de adaptar os produtos alemães às Condições do mercado polaco. De acordo com as estatísticas polacas relativas a 1932, aproximadamente um quinto das importações polacas teve origem na Alemanha. O movimento de boicote foi importante na Polónia apenas por causa do papel central dos judeus no comércio na Polónia. judaico organizações económicas, principalmente a associação de comerciantes judeus, apoiaram a iniciativa de organizar o movimento de boicote na Polónia⁶ e mobilizaram amplas setores da comunidade judaica para endossá-la e se juntar a ela. Antes do boicote, prolongado foram feitos esforços para encontrar alternativas aos produtos alemães, de modo a evitar escassez no mercado e invasão de concorrentes. Em meados de 1934, o boicote judaico organizações abrangiam cerca de 200 comitês locais que se engajaram em ações anti-alemãs propaganda, regulamentação de produtos alemães na Polónia e acusação de boicote

⁶ Alfred Wislicki, "The Jewish Boycott Campaign against Nazi Germany and its Culmination in the Halbersztadt Trial", em Antony Polonsky, Ezra Mendelsohn e Jerzy Tomaszewski, eds., *Judeus na Polónia Independente 1918-1938* (Londres: Littman Library, 1994), págs. 282-289.



violadores.⁷ Durante os anos de boicote de 1933-1935, as exportações alemãs para a Polónia caíram de 173 milhões de zloty em 1932 para 146 milhões em 1933 e 108 milhões em 1934,⁸ enquanto o total das importações polacas aumentou. O crédito por esta conquista pertence, sem dúvida, ao movimento de boicote judaico.

O movimento na Polónia operou ao lado do Comité Judaico Unido para a Ajuda à Refugiados Alemães, parte do Comité Judaico Unido para a Luta contra o Anti-Perseguição judaica na Alemanha (*Zjednoczony Komitet Żydowski Niesienia Pomocy Uchodźcom z Niemiec*). As extensas atividades dessas organizações incluíram reuniões de comitês, documentos, solicitação de doações e divulgação de folhetos.⁹

Na prática, as suas operações enquadram-se na tradição da Europa Oriental de a guerra económica como um dispositivo convencional nos conflitos interétnicos. A partir do décimo sétimo século depois, os judeus e os polacos urbanos estavam envolvidos numa competição económica feroz em várias partes do país.¹⁰ Na ausência de um Estado-nação central, lutas entre várias minorias nacionais evoluíram para rivalidades económicas que significaram para esmagar o oponente. Desde o século XIX, e particularmente pouco antes e depois da Primeira Guerra Mundial, os judeus polacos foram vítimas perenes de uma política de boicote económico polaco.¹¹

Embora o boicote tenha sido um empreendimento político marcadamente secular, as actividades dos comitês de boicote continham elementos peculiares ao judaísmo tradicional e, em particular, o judaísmo tradicional polaco. Assim, por exemplo, os comitês de boicote mantiveram

⁷ A coalescência e o modus operandi dos comitês são descritos em um relatório apresentado por Wolkowicz (Vereinigtes Komitee Warschau) ao Congresso Judaico Mundial em Genebra, de 20 a 23 de agosto de 1934, Arquivos Sionistas Centrais (CZA), A127/140.

⁸ Meltzer, *Boicote Judaico Anti-Alemão*, p. 157. As estatísticas baseadas em dados do Gabinete Central de Estatísticas polaco mostram que entre Março e Agosto de 1933 as exportações alemãs para a Polónia diminuíram 2 por cento e a participação da Alemanha nas exportações totais para a Polónia diminuiu de 22 por cento para 14 por cento. Ver Kopel Liberman, *Le Boycottage Economique de l'Allemagne* (Bruxelas, 1934), pp.

⁹ Meltzer, "Boicote Judaico Anti-Alemão", p. 153; Żydowski Instytut Historyczny, Warszawa, *Zjednoczony Komitet Żydowski Niesienia Uchodźcom z Niemiec we Lwowie*.

¹⁰ Bernard Weinryb, "Documents on Jewish History in Poland", em Bernard Weinryb, *Studies and Sources on Jewish History in the Modern Era* (Hebraico) (Jerusalém: Makor, 1976), pp. ; Meir Balaban, "Judeus na Polónia no século XVI e na primeira metade do século XVII", em Israel Heilprin, ed., *Judaísmo polonês desde suas origens até sua destruição* (Hebraico), vol. 1, (Jerusalém: Departamento da Juventude da Organização Sionista Mundial, 1948), pp. 25-44 (Heilprin, *Judaísmo Polonês desde suas origens*); e Yitzhak Schiper, "História Económica dos Judeus Poloneses e Lituanos desde suas Origens até a Partição", *ibid.*, pp.

¹¹ Yisrael Gutman, "Antisemitismo Polonês Entre as Guerras: Uma Visão Geral", em Yisrael Gutman, Ezra Mendelsohn, Jehuda Reinharz e Chone Shmeruk, eds., *Os Judeus da Polónia entre as Duas Guerras Mundiais* (Hanover, NH: University Press of New England, 1986), pp. Frank Golczewski, *Polnisch-jüdische Beziehungen 1881-1922* (Wiesbaden: F. Steiner, 1981), p. 101f.



grande parte de suas reuniões nas sinagogas.¹² Eles também se esforçaram bastante conseguir o apoio dos rabinos, esperando assim exercer ampla influência entre os judeus em geral na sua exigência de se absterem de comprar produtos alemães.¹³ O

O Ministério das Relações Exteriores alemão, preocupado com o boicote, acreditava que os rabinos eram dotados com uma influência quase mágica no movimento de boicote. O consulado alemão em Grosswardein (Romênia) relatou que “empresários judeus e gerentes de fábrica fiz um juramento secreto ao rabino local; seu conteúdo é desconhecido, mas quase certamente inclui um boicote aos produtos alemães e um compromisso de empregar apenas trabalhadores e assistentes judeus.”¹⁴ Estes e outros relatórios, e talvez uma ideia preconcebida noção sobre a natureza religiosa dos judeus na Europa Oriental, solidificou a ideia alemã A percepção fundamental do Itamaraty sobre a centralidade dos rabinos no boicote movimento:

Deve-se enfatizar que nos países ocidentais os rabinos não têm influência sobre as massas judaicas, porque os judeus de lá são assimilados e não atribuem grande valor ao que os rabinos lhes pregam. É bem diferente no Oriente, onde os judeus têm firme confiança nos rabinos e onde os rabinos têm uma grande influência até mesmo nas suas vidas privadas. O boicote poderia assumir uma forma tão aguda precisamente porque os rabinos exercem um poder tão grande sobre os judeus.¹⁵

Porque eles acreditavam que os rabinos exerciam uma influência tão forte sobre os poloneses movimento de boicote, as autoridades alemãs rapidamente enviaram o rabino Asriel Hildesheimer, um líder da Ortodoxia Alemã, a Varsóvia, a fim de prevalecer sobre Empresários judeus para levantar o boicote. Zalman Rubachov (Shazar) descreve como o A missão teve sucesso: “Os judeus de Varsóvia agiram corretamente ao removerem corporalmente o rabino Hildesheimer da sinagoga e dizerem-lhe para ir para casa.”¹⁶ Além do função de liderança tradicional dos rabinos no movimento de boicote, várias práticas atestou a existência de padrões religiosos tradicionais que afetaram a natureza da ações políticas tomadas pelos judeus poloneses. A embaixada alemã em Varsóvia informou

¹² Embaixada da Alemanha, Varsóvia, junto ao Ministério das Relações Exteriores, Berlim, 22.4.1935, Politisches Archiv des auswärtigen Amtes (PA), R 99532.

¹³ Anschrift zu J. Nr. 821-34, PA, R 99532.

¹⁴ Consulado Alemão, Grosswardein, para Consulado Alemão, Timisoara, Bundesarchiv Abteilung Potsdam (BAP), 21.9.1934, 09.03 Konsulat Temesvar, Akt. 99.

¹⁵ Embaixada da Alemanha, Varsóvia, no Ministério das Relações Exteriores, Berlim, 22.4.1935, PA, R 99532.

¹⁶ Rubachov, ata da reunião do Comitê Executivo da Federação Geral dos Trabalhadores Judeus na Palestina (Comitê Executivo), 25 de setembro de 1944, p. 5, Instituto Lavon.



que na conferência de boicote judaico em Londres em 1934, delegados da Polónia propôs que os judeus que violassem o boicote fossem levados à justiça perante um *bet-din* (um tribunal rabínico judaico tradicional). Se a sua culpa fosse provada, os seus nomes seriam registrados em uma lista negra que seria divulgada de tempos em tempos, e eles seriam barrados de organizações sociais e econômicas judaicas e de cargos administrativos na comunidade.¹⁷ A embaixada chegou a informar que os patrocinadores do boicote aterrorizou empresários judeus de várias maneiras, incluindo ameaças de danificar as suas propriedades e reter crédito.¹⁸ Relatórios do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão atestam considerável confusão por parte das autoridades alemãs nos seus contactos com a Polónia Judeus. As autoridades evidentemente não estavam dispostas, ou mesmo incapazes, de lidar com um povo judeu. comunidade tão radicalmente diferente daquela que lhes é familiar na Alemanha. Na Alemanha, as autoridades mantiveram conversações com congregações e organizações judaicas - políticas órgãos diretamente eleitos ou tacitamente acordados pelos judeus alemães - seguindo regras básicas nas negociações entre autoridades centrais e grupos de interesse. Em Na Polónia, no entanto, eles encontraram uma autoridade moral baseada em princípios judaicos internalizados. valores religiosos, cuja influência e função transcenderam os limites da representação formal do grupo e teve vários efeitos nos empreendimentos políticos de a comunidade em geral. Não familiarizado com a religião judaica e influenciado por anti-Mitos e pontos de vista judaicos, os alemães superestimaram a importância do religioso liderança na Polónia.

Mesmo que desconsideremos esta perspectiva subjectiva alemã, no entanto, a informação disponível a documentação mostra que o *modus operandi* dos comités de boicote na Polónia baseava-se na existência de um governo judaico que estava consciente de si mesmo e do seu poder e que exerceu a sua autoridade submetendo os violadores do boicote a sanções financeiras e políticas.¹⁹ Em Janeiro de 1934, por exemplo, o Agudath Israel proclamou na sua quinta convenção nacional na Polónia que violar o boicote equivalia a "grave traição aos interesses vitais dos judeus".²⁰ O comité de boicote em Kielce instou as empresas judaicas que vendiam produtos alemães a não romperem a solidariedade judaica, e advertiu-os de que, em caso de incumprimento, considerar-se-ia "obrigado a voltar-se para a opinião pública judaica", que certamente julgaria aqueles indivíduos "que

¹⁷ Embaixada da Alemanha, Varsóvia, ao Ministério das Relações Exteriores, Berlim, 27.11.1934, PA, R 99532.

¹⁸ *Ibid.*; Meltzer, "Boicote Judaico Anti-Alemão", p. 159.

¹⁹ Wislicki, "O Boicote Judaico", p. 287.

²⁰ Meltzer, "Boicote Judaico Anti-Alemão", p. 158.



colocar o ganho pessoal acima dos interesses [vitais] do povo judeu perseguido.”²¹ Em Bialystok, o Comitê Judaico Unido para a Luta contra a Perseguição Antijudaica na Alemanha qualificou a violação do boicote como “traição” . violadores do boicote e arrecadaram somas consideráveis ao fazê-lo. Estes foram manifestações da existência de um sistema judicial judaico interno que, mesmo que sem uma autoridade penal externa, seguiu um código ético judaico interno e aplicou sanções sociais. Tal sistema exerce muita influência em qualquer sociedade, especialmente numa tradicional.

“Evacuação e Partida”

Embora destinado à melhoria dos judeus alemães, o movimento de boicote judaico entrou em conflito com os interesses judaicos na Alemanha. Desde o primeiro boicote uniram-se, as autoridades nazistas exerceram pressão sobre a liderança judaico-alemã para restringir suas atividades. O Rabino Hildesheimer, um líder do grupo isolacionista “Ultra-comunidade ortodoxa”, não foi a única personalidade que as autoridades alemãs enviado à Polónia para restringir a escala do boicote judaico naquele país. Kurt Blumenfeld, chefe da Federação Sionista Alemã, relatou os seus esforços para evitar comícios em massa na Polónia, apelando aos líderes judeus em Cracóvia e Lwow.²³ Num dado momento, reunião do Comitê Executivo da Histadrut, Moshe Beilinson - um importante porta-voz do movimento trabalhista na Palestina e correspondente de *Davar* na Alemanha, que havia retornado à Palestina depois de uma longa visita lá - expressou o seguinte avaliação:

Os Judeus Alemães *favorecem o boicote* – não apenas os Sionistas, mas também os “Judeus Naumann” [assimilacionistas ultra-nacionalistas] e os Judeus do Centralverein. Todos os judeus odeiam este regime e o povo alemão. Não testemunhámos tal fenómeno na Rússia Czarista.²⁴

É duvidoso, no entanto, que esta declaração reflectisse a realidade. Os judeus alemães eram profundamente temeroso de que o boicote anti-alemão aticasse as chamas da economia

²¹ Haynt, 1.10.1934.

²² Comitê Judaico Unido para a Luta contra a Perseguição Antijudaica na Alemanha, em Bialystok, ao Escritório Central da Agência Judaica para o Reassentamento de Judeus Alemães na Palestina, 28 de outubro de 1934, CZA, L13/32.

²³ Blumenfeld para Oberregierungsrat Sommerfeldt, Ministério do Interior da Prússia, 27.3.1933, Staatsarchiv Koblenz, R43II/600.

²⁴ Comitê Executivo, 14 de julho de 1933, Lavon Institute.



boicote contra eles na própria Alemanha. Em particular, muitos membros do movimento sionista movimento se opôs ao boicote, acreditando que ele poderia minar o posição e liberdade de ação do movimento na Alemanha. Na primavera de 1933, depois de se reunir com líderes judeus na Alemanha, o Executivo Sionista na Grã-Bretanha começou a formular uma decisão contra a participação no movimento de boicote. Eles também instou outros líderes judeus a moderarem a sua posição e a absterem-se de apoiar abertamente o boicote.²⁵ Kurt Blumenfeld, numa reunião do Executivo da Histadrut Comitê em outubro de 1933, expressou-se sem rodeios: "O boicote prejudica os judeus alemães em primeiro lugar. O boicote não tem resultados favoráveis para nós."²⁶

Assim como havia a preocupação de que o movimento de boicote pudesse despertar a ira da população alemã funcionalismo contra os judeus alemães e expô-los a medidas de boicote económico, o O Acordo de Transferência colocou em perigo o status dos judeus poloneses. Este acordo, judaico temiam os líderes, foi formulada em termos gerais que poderiam atrair apoiadores no Leste Europa. Durante a década de 1930, muitos líderes judeus estavam conscientes do contágio influência do anti-semitismo alemão no anti-semitismo da Europa Oriental. Alguns acreditaram que o boicote anti-alemão teria um efeito dissuasor sobre os elementos anti-semitas nos países vizinhos.²⁷ Muitos mais, no entanto, acreditavam que o Acordo de Transferência poderia fornecer um exemplo e um padrão para todos os jogadores em busca de uma maneira de expulsar Judeus de seus países.

Em setembro de 1933, quando o Congresso Judaico Mundial se reuniu em Genebra, a questão escalou para um confronto direto entre defensores das diferentes abordagens. Os delegados judeus polacos abraçaram o boicote e rejeitaram sumariamente a transferência. Acordo. Eliahu Mazur de Agudath Israel, chefe do *kehilla* de Varsóvia na época, leu uma petição da sua comunidade: "Os judeus polacos não descansarão até que os direitos civis dos judeus alemães sejam totalmente restaurados."²⁸ Cap. Rasner, outro delegado do Polónia, falou ainda mais duramente:

Não é apenas um assunto dos judeus alemães, porque o hitlerismo ameaça atacar outros países.
[...] Os fascistas polacos estão a começar a preparar-se para

²⁵ Gelber I, pp.

²⁶ Comitê Executivo, 2 de outubro de 1933, p. 8, Instituto Lavon.

²⁷ "O desastre do hitlerismo é que ele não existe apenas na Alemanha, mas o boicote não só afecta a Alemanha, mas também funciona como um elemento dissuasor para a Lituânia, a Polónia e a Checoslováquia." Rubachov, Comitê Executivo, 25 de setembro de 1933, p. 5, Instituto Lavon.

²⁸ *Protocolo da II Conferência Juive Mondiale*, Genebra, 5-8 de setembro de 1933, (*Protocole*) Eliahu Mazur, p. 67.



assumir o modelo e os preceitos do hitlerismo. Os judeus alemães estão totalmente indefesos e imploram-nos constantemente para ficarmos quietos, para que as coisas não piorem ainda mais. Mas qual médico pergunta ao paciente que meios ele deve usar para curá-lo?
Esta conferência internacional deve proclamar um boicote oficial. ²⁹

A declaração de Rasner atesta uma total inversão de papéis entre países ocidentais e orientais Judaísmo Europeu. A imagem do judeu alemão como paciente indefeso e polonês O judaísmo como médico-curador teria sido inconcebível um ano antes. No passado, foram os judeus ocidentais que ministraram nos leitos de enfermo da Europa Oriental. Judeus, vítima de um anti-semitismo violento e desenfreado. A luta dos judeus ocidentais pela a igualdade de direitos para os judeus da Europa Oriental estava enraizada nos seus próprios motivos, entre outros. Era fortemente do interesse dos judeus ocidentais erradicar a discriminação contra Judeus em qualquer lugar, para que tal discriminação não continue a servir de modelo para emulação e ressurgir em países onde os judeus já haviam alcançado direitos totalmente iguais. O inflexibilidade dos judeus poloneses em sua luta para restaurar os direitos civis dos judeus alemães, e neste contexto a oposição da comunidade ao Acordo de Transferência, foi simplesmente um eco da atitude tradicional judaica ocidental em relação ao anti-semitismo em um parte do mundo como uma ameaça para os judeus em todos os outros lugares, especialmente quando o assunto diziam respeito a países vizinhos como a Alemanha e a Polónia. Os judeus polacos tinham boas razões para temer que o governo polaco considerasse a Contrato de Transferência como modelo. A Polónia já tinha tentado contratos deste tipo tipo: durante a emigração de judeus da Polónia para a Palestina em meados da década de 1920 (o "quarta aliá"), acordos financeiros baseados em um princípio semelhante ao da Transferência O acordo foi feito. Os emigrantes polacos transferiram os seus bens para um instituição que financiava as importações para a Palestina, e o Banco Anglo-Palestino creditou-lhes essas quantias quando chegaram à Palestina.³⁰ A Polónia, na década de 1930, era procurando febrilmente uma solução para os seus problemas demográficos. Foi o geral consenso, partilhado por alguns judeus, de que algo tinha de ser feito em relação ao excesso população na Polónia. Imediatamente após a adesão de Hitler, a emigração como solução para o problema dos judeus polacos foi defendida por grupos em a extrema direita, especialmente o partido de oposição nacional de Roman Dmowski - o

²⁹ Ibidem, cap. Rasner, pág. 68.

³⁰ Nadav Halevi, *Desenvolvimento Económico do Yishuv na Palestina 1917-1947* (Hebraico) (Jerusalém: Instituto Morris Falk de Pesquisa Económica em Israel, 1979), pp.



Endecja e NARA.³¹ Enquanto NARA pregava a deportação forçada de judeus através
ameaça física direta, a Endecja falou em reforçar o boicote económico contra os judeus para encorajá-los a
emigrar “voluntariamente” .

O Acordo de Transferência tornou-se um padrão para os círculos antijudaicos na Europa Oriental. Em
Polónia da década de 1930, onde a adoção da emigração judaica como a única solução para
o problema demográfico na Polónia se arraigara, o plano de transferência tornou-se
um modelo intrigante, explicando assim parte da forte oposição que suscitou entre
a maior parte dos judeus poloneses. Dadas as circunstâncias internacionais prevalecentes e a
Na ausência de destinos previsíveis para a emigração em massa, qualquer posição que determinasse um
êxodo em massa de judeus da Polónia era extremamente perigosa.³³ No final de 1934, o Professor
Moshe Schorr, um líder dos judeus poloneses, alertou:

Em consequência, a angústia judaica excede em muito o nível geral de angústia devido às actuais
condições económicas no Leste da Europa. Nestas condições e tendo em conta a ausência de
quaisquer possibilidades de emigração em grande escala, devemos registar com grande satisfação
o facto de a Palestina ter conseguido absorver um número considerável de judeus polacos nos
últimos anos.

No entanto, é evidente que esta saída é, infelizmente, totalmente insuficiente para remediar a situação
de forma apreciável. Os três milhões de judeus residentes na Polónia devem, para todos os efeitos,
olhar para a auto-ajuda económica no local como a única alternativa ao desespero e à degradação
que os pressiona no momento presente.³⁴

De acordo com Schorr e muitos outros que estavam familiarizados com o cenário internacional
situação na altura, agarrar-se à Polónia era a única opção. Familiarizado com o
condições económicas da Polónia, Schorr não viu outra alternativa senão que os judeus polacos confiassem
com seus próprios recursos e auto-ajuda. A estrutura social e a condição económica do
Os judeus polacos em meados da década de 30 eram tão diferentes quanto poderiam ser dos judeus alemães.
Embora a maior parte da sua riqueza tenha sido drenada dos judeus alemães sob o comando de Hitler
adesão ao poder, ainda era uma comunidade rica. Seu capital foi a base

³¹ Harry M. Rabinowicz, *O Legado dos Judeus Poloneses. A História dos Judeus Poloneses nos Anos
Entre Guerras 1919-1939* (Nova York: T. Yoseloff, 1965), p. 53ss.

³² Abraham B. Duker, *A Situação dos Judeus na Polónia* (Nova York: Congresso Judaico Americano), 1936,
p. 28.

³³ Dan Diner nota uma novidade na catástrofe nazi que se manifestou muito antes da “Solução Final”
ser implementada: a política nazi de incitar os judeus alemães (e mais tarde também os judeus austríacos) a
emigrar numa altura em que não tinham para onde ir. Dan Diner, “Die Katastrophe vor der Katastrophe:
Auswanderung ohne Einwanderung”, em Dan Diner e Dirk Blasius, eds., *Zerbrochene Geschichte, Leben
und Selbstverständnis der Juden in Deutschland* (Frankfurt aM: Fischer, 1991), pp. Jantar, “Die Katastrophe”).

³⁴ Moshe Schorr, *A Posição Atual dos Judeus na Polónia* (Londres, 1935), p. 5.



em que o Acordo de Transferência repousava. Foi o desejo de salvar este capital que vinculou a Agência Judaica a judeus endinheirados. Através deste capital - assim o alemão foram prometidas às autoridades - uma base para a absorção em massa de judeus alemães na Palestina poderia ser criada.³⁵ O Acordo de Transferência, tal como implementado pela Alemanha e a Agência Judaica, de fato resolveram os problemas de uma classe rica de alemães Judeus, que conseguiram salvar algumas das suas propriedades e emigrar para a Palestina através dos certificados de imigração concedidos aos ricos.³⁶ O acordo não melhorar as condições de vida dos judeus deixados para trás, e o número desses judeus quem realmente emigrou para Israel indiretamente por causa do acordo está em dúvida. Em tendo em conta a estrutura demográfica peculiar dos judeus polacos, tal acordo não poderia ter satisfeito as necessidades das bases judaicas neste país.³⁷

Muitos judeus fora da Polónia também ficaram preocupados com os possíveis efeitos da Transferência Acordo sobre os Judeus Poloneses. Yizhak Gruenbaum, um proeminente representante da judeus poloneses no Yishuv, informou ansiosamente Nahum Goldmann de seu desentendimentos com Ben-Gurion.

Tornou-se uma discussão sobre princípios, e enfatizei o desastre causado por esta expansão [do Acordo de Transferência, YW] aos judeus de todos os países que observam as ações de Hitler e veem que ele de fato conseguiu deportar os judeus e engajá-los para o vagão da indústria e do comércio alemães. A decisão ainda não foi tomada. [...] Devemos também travar uma guerra contra o regime de Hitler, e na Palestina esta guerra cessou. Não deveríamos realmente protestar contra a ideia de readmitir a Alemanha na Liga das Nações? Não deveremos exigir que assine um compromisso de honrar o Tratado das Minorias, uma vez que declarou que os Judeus são uma minoria nacional? Embora eu saiba que as condições para tal campanha não são convenientes e favoráveis, isso não nos isenta de ter de a travar. Não tenho dúvidas de que a própria exigência forçará a Alemanha a moderar os seus decretos. A fuga e o êxodo organizado só podem encorajá-los e induzir os países da Europa Oriental e Central a tentarem livrar-se dos Judeus. Na Polónia, é evidente que começaram a fazê-lo: o terror está novamente em ascensão. [...]38

³⁵ Gelber II, pág. 39.

³⁶ Aproximadamente 20.000 judeus alemães conseguiram emigrar para a Palestina com a sua capital, e representaram 37 por cento dos imigrantes da Alemanha para a Palestina após a adesão de Hitler. Bauer, *Judeus à Venda?*, p. 10.

³⁷ Jantar, "Die Katastrophe", p. 153.

³⁸ Gruenbaum para Goldmann, 2 de julho de 1935, CZA, L22/201. Uma nova disputa entre Gruenbaum e Ben-Gurion ocorreu durante a reunião executiva da Agência Judaica de 13 de novembro de 1935. Gruenbaum argumentou que o nazismo deveria ser combatido simultaneamente com a transferência, a fim de restringir a sua influência contagiosa. Shertok e Ben-Gurion criticaram duramente esta proposta, não vendo qualquer possibilidade de uma luta eficaz contra o nazismo. Atas de reuniões do Executivo da Agência Judaica, 23 de novembro de 1935, CZA.



Em 1935, Gruenbaum expressou reservas sobre o Acordo de Transferência, no que diz respeito a isso como evidência da disposição dos judeus em aceitar a expulsão e, assim, oferecer sua consentir com um “êxodo”, como ele disse. Mas enquanto Gruenbaum se opôs à Transferência Acordo devido à preocupação de que os governantes da Europa Oriental, especialmente a Polónia, considerá-lo uma forma exemplar de instigar um êxodo de judeus, alguns favoreceram a Acordo por estas mesmas razões. Margulies, gerente da “Ha'avarah Ltd.” empresa na Palestina em nome do Banco Anglo-Palestino, ficou furioso com o irresolução do movimento sionista em relação ao Acordo de Transferência. Em um carta com palavras precisas para Ruppin, chefe do departamento alemão da Agência Judaica, ele escreveu:

Pela primeira vez, a situação que Herzl previu – o colapso da Diáspora – aconteceu, e pela primeira vez o sionismo tem a oportunidade de concretizar a visão de Herzl relativamente à liquidação em massa desta situação. Deve ser dito que o movimento sionista não se mostrou apto para empreender esta missão. O sionismo herzliano, baseado na tese de que todos os povos são anti-semitas, instruiu-nos a prepararmo-nos antecipadamente para o êxodo, para que estivéssemos prontos quando chegasse a hora. Quando chegou a hora, tudo o que o movimento sionista fez foi agir indignado com o cumprimento das suas previsões.³⁹

Posteriormente, em 1936, o próprio Gruenbaum convenceu-se de que o êxodo era a única solução para a situação difícil dos judeus polacos.⁴⁰ Posteriormente, Gruenbaum chegou a negou que houvesse uma contradição entre o reconhecimento da situação económica e necessidade estrutural de uma saída judaica da Polónia e da luta contínua pela direitos iguais na Polónia. Com a mudança de perspectiva de Gruenbaum e o seu pleno reconhecimento da necessidade de deixar a Polónia, a sua oposição inicial ao Acordo de Transferência tornou-se sem significado.

Outro fervoroso defensor da emigração judaica em massa da Polónia foi o líder do o movimento revisionista, Vladimir Jabotinsky. Em meados da década de 1930, através de seu contactos com o Ministério dos Negócios Estrangeiros polaco, elaborou um plano de “evacuação” no espero que a Polónia possa influenciar o Governo Mandatário a modificar a sua política em

³⁹ Veja Gelber II, p. 43.

⁴⁰ Yizhak Gruenbaum, “Evacuação e Partida”, em Yizhak Gruenbaum, ed., *The Wars of Polish Jewry 1913-1940* (hebraico) (Tel Aviv: “Haverim”, 1941), pp.



Imigração judaica para a Palestina.⁴¹ Jabotinsky foi um ferrenho oponente da Transferência Acordo e um dos principais apoiadores do boicote. É importante ressaltar que a transferência O acordo refletia o espírito do Mapai, que favorecia a colonização judaica gradual e controlada. imigração que teve o cuidado de manter o número de imigrantes e o Yishuv recursos financeiros - *aliá* e as capacidades de absorção económica da Palestina - em equilíbrio. Sob tais circunstâncias, o plano de evacuação de Jabotinsky não resistiu chance. O Governo Mandatário opôs-se à imigração judaica em massa, tal como o fez Mapai, o poder político dominante no Yishuv. Jabotinsky interpretou a rejeição do seu plano de evacuação como mais uma manifestação dos esforços de Mapai para conter a *aliá* da classe média baixa, para que tal imigração não sabote o seu plano de construir uma sociedade socialista na Palestina.⁴²

Tal como Jabotinsky apoiou o plano de evacuação dos judeus polacos, o líder do O partido Sionista-Revisionista na Alemanha, Georg Kareski, favoreceu a emigração de todos Judaísmo Alemão. Para conseguir isso, Kareski instou os judeus do mundo a comprar produtos alemães, a fim de facilitar a emigração bem-sucedida de judeus da Alemanha.⁴³ O O movimento revisionista na Alemanha e o seu partido, o Partido do Estado Judeu, encontraram encontram-se numa situação especialmente sensível e complexa. Por um lado, o movimento não tinha interesse em prejudicar as suas relações com as autoridades e, portanto, não podia opor-se ao Acordo de Transferência, como fez o movimento Revisionista na Polónia. Por outro lado, foi ainda mais enfaticamente proibido de apoiar a movimento de boicote, porque tal apoio entrava em conflito com a postura do governo alemão autoridades. Kareski até tentou em vão persuadir Jabotinsky e os sionistas Organização Revisionista para negar o seu apoio ao boicote judaico internacional. Evidentemente, ele conseguiu convencer as autoridades alemãs durante vários anos de que não tinha nenhuma relação vinculativa com grupos revisionistas fora da Alemanha, e esta foi uma importante fator de sua sobrevivência política. O apoio de Kareski à emigração judaica em massa da Alemanha também coincidiu com os objetivos dos alemães, que tentaram ajudar Kareski consolidar a sua posição na constelação institucional judaica - uma história surpreendente por si só. A partir do final de 1937, as autoridades tomaram uma atitude mais sombria

⁴¹ Yaacov Shavit, *Jabotinsky e o Movimento Revisionista 1925-1948* (Londres: Frank Cass, 1988), pp .

⁴² *Ibid.*, pág. 338.

⁴³ Francis R. Nicosia, "Sionismo Revisionista na Alemanha (II), Georg Kareski e a Organização Staatszionistische, 1933-1938," no *Anuário do Instituto Leo Baeck*, XXXII (1987), pp.



visão do Partido do Estado Judeu e suspeitava que ele se inter-relacionava e colaborava com O movimento de Jabotinsky. Essa mudança de atitude acabou levando ao fim do partido.

Os ricos e os pobres

A situação económica dos judeus polacos na década de 1930 dificilmente poderia ter sido pior. Reportagens e resenhas da imprensa contemporânea apresentadas em congressos judaicos internacionais e conferências pintam um quadro grave de pobreza e fome entre grande parte da população Comunidade judaica na Polónia. Nestas condições, o boicote contra os nazistas A Alemanha pode ser considerada uma manifestação clara da vontade dos judeus polacos de fazer um sacrifício económico para protestar contra os acontecimentos na Alemanha. O boicote deprimiu atividade empresarial judaica e expôs os comerciantes judeus à concorrência, privando-os da sua parte no comércio com a Alemanha. A associação de comerciantes judeus foi um dos principais defensores do movimento de boicote na Polónia - uma circunstância intrigante, considerando que o próprio princípio do boicote era totalmente alheio à economia pensando nos comerciantes. "O lojista judeu está interessado em manter a mercadoria anônimo", afirmou Zalman Rubachov (Shazar), "para que os clientes não recebam acostumado a perguntar sobre o fabricante dos produtos, porque isso iria repercutir contra os judeus."⁴⁴ Rubachov era extremamente sensível à voz do polonês judeus e considerou a disposição dos empresários e comerciantes judeus de lutar contra o nazistas, desconsiderando considerações de lucro como prova de que o boicote era "o verdadeiro resposta nacional."

A sequência de acontecimentos subsequente provou que os iniciadores do boicote económico poderão tornar-se as suas principais vítimas. Do ponto de vista alemão, a ação judaica ao organizar o boicote, descobriu a mitológica "conspiração judaica mundial" sobre a qual a ideologia nazista vinha alertando há anos.⁴⁵ A liderança nazista era tão agitado pelo boicote que a natureza da ação judaica - uma resposta a um alemão política antijudaica, em vez de uma iniciativa judaica independente - foi evidentemente esquecido às vezes. A interpretação do boicote nos escalões dirigentes alemães também cegou-os para os danos insignificantes que o boicote realmente causou à Alemanha economia. Anti-semitismo económico, um fenómeno comum na Europa de Leste países, explorou o movimento de boicote judaico para reabrir o debate sobre os judeus

⁴⁴ Comitê Executivo, 25 de setembro de 1933, p. 5, Instituto Lavon.

⁴⁵ Daniel Frankel, *À beira do abismo: política sionista e a questão dos judeus alemães, 1933-1938* (hebraico) (Jerusalém: Magnes, 1994), pp. 45-46 (Frankel, *À beira do abismo*).



centralidade para a economia em geral e para o comércio em particular. Em 1933, o alemão

A imprensa noticiou um protesto do governo lituano e de comerciantes contra o boicote que as empresas judaicas impuseram aos produtos alemães na Lituânia. De acordo com de acordo com estes relatórios, a associação de mercadores lituanos decidiu lançar uma campanha contra o domínio dos judeus na economia lituana.⁴⁶ Na Roménia, a Alemanha missão diplomática planeava activar a minoria alemã e pressionar na Roménia para fomentar um movimento de boicote antijudaico.⁴⁷ Rumores vindos da Polónia falavam de uma boicote económico que os polacos impuseram aos comerciantes judeus nas áreas rurais daquele país.⁴⁸ Este boicote expandiu-se para proporções preocupantes na segunda metade do século XIX. Década de 1930, abrangendo muitas cidades e vilas polonesas. Atraiu o apoio de muitos locais autoridades; a administração central tratou-o com neutralidade simpática.⁴⁹

Se houve uma ligação direta entre o boicote judaico aos produtos alemães e o boicote económico contra os judeus, ou se a propaganda nazi sublinhava tal ligação para os seus próprios fins, o boicote anti-alemão cobrou um preço elevado dos seus participantes. Neste sentido, os rumores e relatos de uma situação económica iminente acordo entre a Alemanha nazista e o Yishuv, sob os auspícios do judaísmo Agência, impôs aos iniciadores e participantes do boicote uma tarefa extremamente pesada golpe moral. Assim que os detalhes do acordo foram conhecidos, tornou-se difícil persuadir os comerciantes judeus a aderirem ao boicote e assumirem os seus riscos económicos e dificuldades. O Acordo de Transferência destruiu a base moral para exigir uma preço económico dos judeus polacos, que de qualquer forma estavam empobrecidos. O alemão Ministério das Relações Exteriores monitorou o conflito de interesses entre judeus alemães e poloneses com grande interesse. Por exemplo, a embaixada alemã em Varsóvia informou que o os comités de boicote estavam sob pressão para utilizarem os seus fundos em nome dos judeus polacos locais e não para os refugiados judeus da Alemanha, como era a prática.⁵⁰ A embaixada também relatou sobre o proprietário de um banco judeu em Varsóvia, que estava espalhando o seu

⁴⁶ Staatsarchiv Abteilung Mersseburg, GStA Mersseburg, Rep. 856 n°. 201. Um quadro diferente surge num relatório da embaixada alemã na Lituânia, segundo o qual as autoridades lituanas recusaram-se a contrariar o boicote até que a imprensa alemã tomasse uma atitude mais favorável em relação à Lituânia. Legação Alemã na Lituânia junto ao Ministério das Relações Exteriores, Berlim, 19.4.1934, PA, Bonn, R 99530.

⁴⁷ Consulado Alemão em Timisoara junto ao Ministério das Relações Exteriores, Berlim, 27.5.1933, BAP 09.03 Konsulat Temesvar Akt. 98.

⁴⁸ Deutsches Nachrichtenbüro, 29.1.1936, PA, R 100210.

⁴⁹ Emanuel Meltzer, *Luta Política em uma Armadilha: Judaísmo Polonês 1935-1939* (Hebraico) (Tel Aviv: Instituto de Estudos da Diáspora, Universidade de Tel-Aviv, 1982), (Meltzer, *Luta Política*) pp.

⁵⁰ Embaixada da Alemanha, Varsóvia, no Ministério das Relações Exteriores, Berlim, 22.4.1935, PA, R 99532



opinião entre os círculos judaicos de que: "O boicote está agravando a dura situação econômica situação das massas judaicas na maioria dos países, uma situação que era difícil mesmo sem o boicote e, portanto, o boicote deve ser eliminado gradualmente."⁵¹

Autoridades alemãs monitoraram o movimento de boicote em busca de qualquer evidência de possível fissuras. O movimento, com sede nos Estados Unidos, começou com o famoso comício patrocinado pelo Congresso Judaico Americano sob Stephen Wise em Madison Square Garden, Nova York, em 27 de março de 1933. Tinha um aspecto de classe que atravessava distinções continentais, e despertou maior simpatia entre os pequenos comerciantes e pessoas de poucos recursos, e não entre os grandes empresários.⁵² Os alemães optou por ver isso como prova de um cisma entre judeus da Europa Oriental e Origem alemã, como expressou o secretário de Estado da Chancelaria do Reich:

Apesar do seu aparente sucesso, também para os judeus na América o boicote é uma faca de dois gumes. ... Além disso, por causa de interesses econômicos, os principais empresários entre eles que têm activos alemães à sua disposição violaram-na, de modo que já se desenvolveu uma divisão dentro do judaísmo americano (judeus "brancos" contra os chamados "kikes", ou orientais). judeus europeus).⁵³

Na verdade, os Judeus da Europa de Leste nos Estados Unidos estavam profundamente empenhados no movimento de boicote.⁵⁴ A centralidade dos activistas de origem da Europa de Leste neste ramo do movimento às vezes se manifestava na tentativa de emular o Modelo do Leste Europeu. Por exemplo, Zelig Tygiel, um importante activista no boicote comitê e tesoureiro da Federação dos Judeus Poloneses na América, propôs

...que o Comitê de Boicote seja dividido em dois comitês. Um será um comitê de boicote e o outro um comitê anti-nazi, tal como está actualmente organizado na Polónia. Um grande número de não-judeus que não quiserem afiliar-se ao Comitê de Boicote estarão dispostos a trabalhar num Comitê Anti-Nazi.⁵⁵

⁵¹ Ibidem.

⁵² Bauer, *Judeus à Venda?*, p. 11.

⁵³ A Chancelaria alegou que tanto o Itamaraty quanto o Ministério da Propaganda receberam relatórios semelhantes. Instituto Leo Baeck (LBI), Nova York, *Secretário de Estado no Gabinete do Chanceler*, Berlim, 28.2.1934, Max Kreutzberger Research Papers, AR 7182, Caixa 19, Pasta 2.

⁵⁴ *Boycott Bulletin*, emitido pelo Conselho Representativo Judaico para o Boicote aos Bens e Serviços Alemães, 5 de outubro de 1934, LBI-NY, Max Kreutzberger Research Papers, AR 7183, Caixa 4, Pasta 2.

⁵⁵ Congresso Judaico Americano, Comitê de Boicote 1934-1936, ata da Conferência de Boicote, manhã de domingo, 7 de outubro, LBI-NY, Coleção Max Kreutzberger, Adendos.



Em contraste, Joseph Tenenbaum, um sionista americano de origem do Leste Europeu e uma das personalidades proeminentes do movimento de boicote, enfatizou a diferença entre a mobilização polaco-judaica e a mobilização judaico-americana, tendo em conta a grande disparidade nas circunstâncias económicas dos judeus nestes países. Ele protestou:

O Boicote é um campo onde a língua judaica não pode conquistar o bolso alemão. Sendo um homem honesto, não gosto de enganar os outros porque não posso enganar a mim mesmo. Se o Congresso Judaico Americano sente que não tem nem a vontade nem o poder para conduzir o boicote como fizeram os pobres judeus polacos, ou como fazem os belgas ou os egípcios, então sejamos honestos connosco próprios e admitamos isso. Eu, por exemplo, recuso-me a chefiar um comité ao qual foi dada a sombra do poder, sem os meios de poder para executar o seu mandato.⁵⁶

Mesmo do ponto de vista judaico-americano, ainda que dos judeus da Europa Oriental, o a disposição dos judeus poloneses em fazer sacrifícios deixou uma impressão profunda. Quanto mais institucionalizado se tornou o Acordo de Transferência, mais ruidosamente os seus críticos expressaram-se estabelecendo distinções claras entre o sacrifício económico exigido dos judeus mundiais e salvar os bens dos judeus alemães. Em abril de 1935 reunião do Conselho Geral Sionista em Jerusalém, os delegados Revisionistas enfatizou esse ponto. Ben-Horin considerou o Acordo de Transferência “um sentimento de compaixão pelos nossos irmãos na Alemanha, a quem devemos salvar”, enquanto “há muitos países onde os judeus estão em situação muito pior do que os judeus alemães, mas nunca ouvimos que temos de ceder em questões relativas à dignidade do nosso povo.”⁵⁷ Na mesma reunião, Hoffman perguntou como era possível instar os Judeus da Diáspora a incorrer em perdas e romper relações comerciais de longa data com a Alemanha enquanto o Yishuv violava o boicote.⁵⁸ De acordo com um relatório do Ministério da Economia alemão Propaganda sobre o Décimo Nono Congresso Sionista (Lucerna, 1935), Dr. do partido General Sionista expressou oposição ao Acordo de Transferência, alegando: “O movimento de boicote será insustentável na Polónia, onde implica pesadas perdas financeiras, num momento em que o Executivo Sionista se declara disposto a

⁵⁶ “Relatório sobre Atividades do Comitê de Boicote”, apresentado na reunião do Comitê Administrativo, 16 de outubro de 1934, por Joseph Tenenbaum, LBI-NY, Coleção Max Kreutzberger, Adendos.

⁵⁷ Reunião do Conselho Geral Sionista em Jerusalém, 4 de abril de 1935, p. 247, CZA.

⁵⁸ Ibid., pág. 250.



servir como agente para produtos alemães.”⁵⁹ As atas do Congresso Sionista, de fato, indicam que Schmorak considerou o apoio ao Acordo de Transferência como prova de valores duplos.

“Boicotismo” vs. Realização Sionista

Ao contrário do Acordo de Transferência, produto de uma iniciativa tomada por particulares que lembrava um tratado internacional, o movimento de boicote foi uma ação espontânea, embora organizada. Os organizadores do movimento na Polónia consideraram a natureza popular do movimento bastante importante, conforme refletido em sua declarações. Rasner, um dos delegados poloneses ao Congresso Judaico Mundial em Genebra, em Setembro de 1933, declarou: “Os seis milhões de judeus no mundo já declararam um boicote, instintiva e espontaneamente”⁶⁰ e Wolkowicz, representando os comitês de boicote no Congresso Judaico Mundial em Genebra em agosto de 1934, falou do “instinto saudável das massas judaicas” como base e fonte do boicote.⁶¹ O poder do boicote estava enraizado num amplo consenso moral entre os

As bases judaicas, conforme expresso por Wolkowicz: “O humor das massas judaicas foi tal que cada tentativa de violação do boicote foi necessariamente seguida por protestos em massa contra o violador e consequentes graves perdas materiais e morais.”⁶²

Os líderes do Yishuv também consideraram o boicote uma *vox populi*. “Todo o judaísmo é entusiasmado com o boicote”, disse Zalman Aharonowitz (Aranne). “Um mundo a guerra contra o hitlerismo está sendo organizada através do boicote”, afirmou Eliahu Golomb, um esteio da Hagana, e Eliezer Kaplan, membro da Agência Judaica Executivo e diretor do Departamento Financeiro da Agência acrescentou: “Admiro esta explosão espontânea tanto do ponto de vista político como educacional.”⁶³

Na verdade, o boicote judaico foi um acto de grande valor simbólico que sublinhou a A relutância dos judeus em curvar-se ao destino e resignar-se à atitude anti-semita dos nazistas políticas. No entanto, a sua lógica económica e o seu peso político eram duvidosos. Entre seus defensores, um dos principais fatores foi a preservação da dignidade judaica, enquanto

⁵⁹ Agência Telegráfica Judaica, Praga, Jahrgang III, Nr. 203, 5 de setembro de 1935, Ministério do Reich para Iluminação Pública e Propaganda, BAP, Nr. 1158.

⁶⁰ Atas da Conferência Judaica Mundial, Genebra, 5 a 8 de setembro de 1933, p. 68.

⁶¹ Relatório de Wolkowicz (Vereinigtes Komitee Warschau) ao Congresso Judaico Mundial em Genebra, 20 a 23 de agosto de 1934, CZA, A 127-140.

⁶² *Ibidem.*

⁶³ Comitê Executivo, 25 de setembro de 1944, Lavon Institute.



dignidade e orgulho, pelos quais funcionava o movimento de boicote, eram considerados luxos na perspectiva da empresa sionista. A delegação conjunta da Polónia

Os judeus no Congresso Judaico Mundial em Genebra, em 1933, protestaram unanimemente contra o Acordo de Transferência, e muitos dos delegados qualificaram-no de “desgraça” (*Schande*).⁶⁴

“O acordo palestino magoa-nos porque infringe a nossa dignidade e enfraquece o povo judeu na sua luta”, declarou Henryk Rosmarin, um dos delegados da Polónia.⁶⁵ O movimento sionista encontrou-se num profundo conflito entre

transferência e boicote e, em sentido amplo, entre as necessidades do Yishuv e do sentimentos do povo judeu.

Este foi um teste extremamente difícil para o nascente movimento nacional. Sionismo, que obteve sua força moral de sua autoperspectiva como salvaguarda da

Os interesses existenciais dos judeus no Yishuv e na Diáspora, de repente tiveram que decidir entre interesses conflitantes. Como observado acima, no entanto, o Executivo Sionista em Londres estava cética em relação ao movimento de boicote e à sua capacidade de ajudar a reforçar a posição dos judeus na Alemanha. Já em abril de 1933, a Agência Judaica

O Executivo em Jerusalém tinha tomado uma posição a favor da continuação da acção diplomática contra a Alemanha nazi, mas contra as actividades de boicote.⁶⁶ Esta atitude, no entanto, foi expresso apenas internamente; para que conste, o movimento sionista absteve-se de adoptar qualquer posição fundamental sobre a questão.⁶⁷ Como o Décimo Oitavo Congresso Sionista abordado, houve iniciativas para adiar o Congresso ou abster-se de uma reunião geral

debate aberto sobre a questão dos judeus alemães. Nahum Goldman chegou a sugerir que o boicote não seja discutido no Congresso Sionista, porque não foi

especificamente um assunto sionista, mas que preocupa todos os judeus. Eventualmente, quando foi decidiu que uma questão tão importante como a situação dos judeus alemães não poderia ser arquivado, foi formada uma comissão para preparar o debate no Congresso.

Desentendimentos entre os membros do comitê frustraram seus esforços para chegar a um acordo consenso sobre um projecto de resolução. No final do debate, a maioria dos participantes resolveu protestar veementemente contra os ataques aos judeus alemães e enfatizar o papel dos Sionismo e Palestina na resolução do problema judaico; a minoria revisionista propôs uma resolução expressando apoio inequívoco sionista ao boicote

⁶⁴ *Protocolo*, Mazur, p. 67; Rasner, pág. 69.

⁶⁵ *Ibid.*, pág. 75.

⁶⁶ Executivo da Agência Judaica, 9 de abril de 1933, CZA.

⁶⁷ Gelber I, pp.



movimento e compromisso de se mobilizar e trabalhar pela sua expansão. Em vista destes divergências internas, a Agência Judaica não adotou um curso de ação oficial em apoio à transferência e tentou mascarar a sua óbvia participação na implementação do acordo - uma postura que suscitou críticas mordazes por parte dos Membros da Agência Judaica e participantes alemães. Somente na véspera do XIX Congresso Sionista em Lucerna muitos perceberam que a ausência de supervisão oficial pelas Instituições Nacionais na implementação da Transferência O acordo não era mais sustentável. No Congresso de Lucerna, a facção Trabalhista aprovou uma resolução majoritária relativa à Transferência e, após impor a disciplina partidária seus membros, levou o Congresso Sionista a uma resolução majoritária em apoio à Acordo de Transferência, retirando-se assim definitivamente do ciclo de oposição activa ao nazismo.⁶⁸

Compreender as considerações que nortearam o Movimento Sionista e o Yishuv líderes naqueles anos, e entender por que demorou quase dois anos e meio para que as Instituições Nacionais dêem o seu apoio oficial ao Acordo de Transferência, devem rever as circunstâncias históricas em que operaram. Em 1931-1933, o O movimento sionista e o Yishuv foram envolvidos numa luta crítica pela hegemonia entre o movimento trabalhista e o movimento revisionista de Jabotinsky.⁶⁹ O movimento trabalhista o movimento, liderado por Mapai, obteve sua força principal do Yishuv; o Os principais bastiões dos revisionistas eram as classes médias na Polónia e no Báltico países. As questões do boicote e das transferências fundiram-se na luta por recursos e influência tanto nos centros Yishuv como nos centros da Diáspora, principalmente na Polónia. O assassinato de Chaim Arlosoroff, chefe do Departamento Político do Partido Judaico Agência, lançou uma sombra sobre a luta. Arlosoroff, assassinado após ser enviado para Alemanha em Abril de 1933, lançou as bases para as suas actividades na Alemanha num reunião do comité central do Mapai. Ele argumentou, entre outras coisas, que porque O sionismo alemão não poderia funcionar na clandestinidade, outros métodos deveriam ser procurados.⁷⁰ Por esta razão, ele considerava um acordo com as autoridades alemãs como o única maneira de efetuar a emigração judaica da Alemanha e salvar propriedades judaicas

⁶⁸ Yaakov Shavit, *Da Maioria ao Estado, o Movimento Revisionista: O Plano de Acordo e a Causa Social 1925-1935* (Hebraico) (Tel Aviv: Yariv, 1978), pp. 71-173 (Shavit, *Da Maioria ao Estado*).

⁶⁹ Gelber II, pág. 86.

⁷⁰ Meir Avizohar, *Em um espelho rachado: ideais sociais e nacionais e seu reflexo no mundo do Mapai* (hebraico) (Tel Aviv: Am Oved, 1990), pp.



lá. Qualquer outra alternativa, acreditava Arlosoroff, levaria os judeus a tentar libertar ilegalmente os seus bens, com resultados desastrosos. Arlosoroff acreditava que o liquidação de propriedades judaicas na Alemanha através da exportação de produtos alemães para A Palestina poderia despertar o interesse do Governo alemão, porque tal acção poderia assim lubrificar as rodas da indústria alemã, que tinha sido retardada pelo movimento de boicote.⁷¹

O incitamento selvagem nos círculos revisionistas em torno da missão de Arlosoroff, e propaganda relativa ao assassinato não resolvido, criou um drama imediato dimensão na luta entre os Revisionistas e o Mapai sobre a questão da transferência.

Stavski, membro do *Brit ha-Biryonim*, foi acusado do assassinato, mas absolvido aproximadamente um ano depois por falta de provas. O assassinato de Arlosoroff ocorreu em no meio das eleições que antecederam o Décimo Oitavo Congresso Sionista. O trabalho movimento e os Revisionistas lutavam ferozmente entre si por toda a Polónia em desta vez, e tanto Ben-Gurion quanto Jabotinsky fizeram campanha vigorosa lá. Ben-Gurion temia que a acusação de Mapai contra Stavski e *Brit ha-Biryonim*, e o alegar que eles haviam assassinado Arlosoroff, seria interpretado pelos judeus poloneses como um difamação de sangue inventada por Mapai e que iria colidir com os interesses do Mapai. No fim de campanha eleitoral, este receio revelou-se infundado: o movimento trabalhista venceu 138 de 318 mandatos - 44 por cento dos votos expressos - e, assim, reforçou o seu poder no Movimento sionista. Os membros do Mapai também foram eleitos para cargos-chave no seio judaico. Agência: Ben-Gurion como Presidente do Executivo da Agência Judaica, Moshe Shertok (Sharett) como chefe do Departamento Político e Eliezer Kaplan como Tesoureiro.⁷² Até os resultados das eleições foram divulgados, no entanto, o movimento trabalhista temia constantemente que o Os revisionistas explorariam a campanha para provar a sua afirmação de que a Palestina O movimento trabalhista preocupava-se apenas com as necessidades do Yishuv e estava alheio à situação dos judeus da diáspora.⁷³

Uma razão para a oposição dos Revisionistas ao Acordo de Transferência foi a sua suspeita de que seria de especial utilidade no fortalecimento da economia Histadrut

⁷¹ Gelber I, pp.

⁷² Shavit, *Da Maioria ao Estado*, pp.

⁷³ Shavit, *Jabotinsky*, pág. 338. Daniel Frankel inverte a ordem dos acontecimentos e argumenta que o assassinato de Arlosoroff e a diminuição extrema da força revisionista nas eleições do Décimo Oitavo Congresso Sionista foram os factores que diminuíram a capacidade dos Revisionistas de fazer campanha em nome do boicote e contra a Transferência. Frankel, *À beira do abismo*, p. 57.



império.⁷⁴ As empresas pertencentes à Histadrut e as pertencentes ao chamado “bloco civil” disputavam as quotas oferecidas no âmbito do Acordo de Transferência.⁷⁵ A um compromisso foi alcançado na luta entre a “civil” Hanote'a Ltd., e o Nir e o Yakhin, de propriedade da Histadrut, mas o Acordo de Transferência fundamentalmente alterou a natureza do envolvimento da Agência Judaica na vida económica do Yishuv. O acordo, inicialmente fruto de uma iniciativa económica privada, passou por um processo de “nacionalização”, e através dele a Agência Judaica tornou-se uma mediadora entre investidores no Yishuv e transferidores de capital na Alemanha. Nisso contexto, o Departamento Económico da Agência Judaica tornou-se consultor para estes judeus alemães lidando com importações da Alemanha. O movimento trabalhista teve interesse em dar às Instituições Nacionais este papel central no desenvolvimento económico;⁷⁶ tal desenvolvimento não serviu as necessidades do movimento revisionista movimento, que detinha o status de minoria no Yishuv. A Histadrut, por sua vez, achou difícil, em 1933-1936, elaborar uma definição inequívoca posição na disputa de boicote às transferências ou, alternativamente, no confronto entre o necessidades do Yishuv e da Diáspora. A teia de vacilações da Histadrut resultou da condição do Yishuv, do status da Histadrut no Yishuv, a condição dos judeus da diáspora e a estatura do movimento trabalhista entre Judeus da diáspora. O Acordo de Transferência trouxe o movimento trabalhista e o Yishuv entrou em conflito com os judeus da diáspora, muitos dos quais eram a favor do boicote. Portanto, não fazia sentido apoiá-lo, exceto em circunstâncias em que houvesse um “interesse Yishuv” e pudesse ser explorado como um “instrumento Yishuv” . pelas vantagens económicas do Acordo de Transferência, foi difícil chegar a uma posição inequívoca devido a duas preocupações: que as importações massivas da Alemanha exporia o incipiente setor industrial da Palestina a uma concorrência séria, e que seria difícil controlar a importação de bens e restringi-los aos estipulados no Acordo de Transferência.⁷⁸

⁷⁴ Yaakov Goldstein e Yaakov Shavit, *Sem compromisso: O “Acordo Ben-Gurion-Jabotinsky” e seu fracasso 1934-1935* (hebraico) (Tel Aviv: Yariv Hadar, 1979), pp.

⁷⁵ Gelber II, pág. 30.

⁷⁶ Dan Horowitz e Moshe Lissak, *Do Yishuv ao Estado: Os Judeus da Palestina no Período do Mandato Britânico como uma Comunidade Política* (Hebraico) (Tel Aviv: Am Oved, 1977), pp.

⁷⁷ David Remez, Comitê Executivo, 25 de setembro de 1933, p. 3, Instituto Lavon.

⁷⁸ David Remez, Comitê Executivo, 14 de julho de 1933, p. 5, Instituto Lavon.



Manifestar-se contra o boicote foi problemático em termos de princípio, e não apenas no sentido de considerações de conveniência político-partidária. Se a Histadrut se opusesse à boicote, poderá derrubar o ramo sobre o qual ele e o movimento sionista se apoiavam. “Nestas negociações, estamos a colher os frutos do boicote ao qual nos opomos”,⁷⁹ Dov Hoz afirmou com razão, expressando assim a sua convicção de que nada teria motivado o nazismo. A Alemanha concluirá um acordo económico com o Yishuv palestino que não seja o desejo de esmagar o boicote anti-alemão. Na verdade, o interesse da Alemanha na transferência variou em proporção direta com a força do movimento de boicote. Foram os Se o boicote mostrar qualquer sinal de enfraquecimento, as considerações económicas alemãs, tais como o nível de reservas cambiais na Alemanha, poderão operar contra o Acordo de Transferência.⁸⁰ Assim, o boicote demonstrou o poder judaico e construiu uma base sobre a qual o Yishuv poderia confiar nas suas negociações com as autoridades alemãs. Além disso, opor-se à boicote e negar a sua eficácia equivaliam a afirmar que não havia forma eficaz de combater o nazismo. Tal atitude era extremamente perigosa, porque contradizia a essência do sionismo.⁸¹

Durante vários anos, membros do Comité Executivo da Histadrut e do Partido Trabalhista movimento tentou evitar uma decisão de boicote e transferência, em vez disso esforçando-se para retratá-los como dispositivos paralelos. A manifestação prática desta atitude foi um esforço em nome do Acordo de Transferência juntamente com expressões de princípios básicos apoio ao boicote. Para levar a cabo isto, posições apoloéticas foram formuladas ao efeito que o acordo e o boicote não eram mutuamente exclusivos. Por exemplo, alguns membros do Comité Executivo tentaram argumentar que a Transferência O acordo não era de todo um acordo económico com os alemães; foi simplesmente uma forma de resgatar a propriedade dos judeus alemães.⁸² “A nação inteira deveria saber que A Palestina e a Histadrut favorecem o boicote e todos os esforços para salvar a propriedade judaica”, sugeriu Rubachov (Shazar).⁸³ Estas explicações foram insatisfatórias, e a maioria membros do Comité Executivo entenderam que a verdadeira importância da Transferência

⁷⁹ Dov Hoz, Comité Executivo, 25 de setembro de 1933, p. 4, Instituto Lavon.

⁸⁰ Gelber II, pág. 48.

⁸¹ Eliyahu Golomb, Comité Executivo, 25 de setembro de 1933, p. 7, Instituto Lavon.

⁸² Dov Hoz propôs: “Depois, discutiremos como permitir que o dinheiro seja retirado abertamente na forma de bens, tal como permitimos que aqueles que fogem da Alemanha levem consigo a sua mesa e lençol.”

Brodny acrescentou: “Considero isto como se a Alemanha estivesse em dívida connosco e se oferecesse para pagar a dívida com bens. Devemos recusar? Herzfeld falou de forma semelhante: “O que estamos fazendo? Estamos pegando os bens domésticos de um judeu alemão e entregando-os diretamente, sem intermediários, em sua casa.

O que há de errado com isso? Comité Executivo, 25 de setembro de 1933, pp. 4ss, Lavon Institute.

⁸³ Comité Executivo, 25 de setembro de 1933, p. 5, Instituto Lavon.



acordo, o efectivo desmantelamento do boicote, não poderia ser mitigado por semântica. Desde o início dos debates, alguns membros do Executivo Comitê sublinhou este ponto. Beilinson declarou inequivocamente: "Os judeus estão tomando não distribuem dinheiro, mas bens de que não necessitam, exceto para distribuição na Palestina; isto é, eles estão violando o boicote."⁸⁴

A dificuldade tornou-se mais aguda um ano depois, em novembro de 1934, quando a Histadrut O Comitê Executivo teve que tomar posição sobre um acordo relativo à exportação de laranjas da Palestina. A Alemanha foi o principal importador desta mercadoria. Em 1933, estas exportações para a Alemanha não tinham sido problemáticas porque envolviam simplesmente a consumação de um acordo concluído um ano antes da ascensão de Hitler ao poder.⁸⁵ As coisas mudaram em 1934, porque este acordo estava em contradição directa com o boicote judaico mundial. Quando o Executivo da Agência Judaica debateu o assunto, Gruenbaum expressou a mais firme oposição:

Sempre dissemos que a transferência pretendia dar aos judeus alemães a possibilidade de se mudarem para a Palestina. O comércio de laranja é comércio e não tem nada a ver com a redenção judaica. O povo judeu está em guerra com o regime de Hitler e não deveríamos discutir o comércio de laranja, que é uma questão individual. [...] Se a transferência visa salvar vidas - eu apoio. Se se afastar deste propósito – oponho-me.⁸⁶

Como o assunto não era da competência da Agência Judaica, os participantes do reunião tomou o caminho mais conveniente ao retirar a questão da agenda. O executivo O Comitê, porém, considerou-se no dever de se posicionar. Em sua discussão da questão, as opiniões foram divididas entre os proponentes da transferência, que argumentaram que a economia palestina não se podia dar ao luxo de abandonar o mercado alemão, e proponentes do boicote, que consideravam este comércio uma violação desnecessária. "Para para mim, qualquer laranja nas mãos de um nazista é um insulto. Este é o meu sentimento, mesmo que seja ilógico", proclamou Makminski; Yosef Aharonowitz, responsável pelas finanças, considerou esta visão patética.⁸⁷ A maioria dos participantes na reunião tendia a compreender que a contradição - entre construir o país e proporcionar a economia portanto, e o boicote - desafiou a resolução. Um dos participantes

⁸⁴ Ibid., pág. 6; Shertok expressou uma opinião semelhante.

⁸⁵ O caso da exportação de laranja é descrito em Gelber (II), pp. 55-60.

⁸⁶ Executivo da Agência Judaica, 25 de novembro de 1934, CZA.

⁸⁷ Comitê Executivo, 8 de novembro de 1934, p. 5, Instituto Lavon.



expressou o dilema sucintamente: "Um país que está a ser construído através do resgate de bens judeus da Alemanha não pode exercer a arma do boicote contra [a Alemanha]."88

Além disso, ao contrário do debate interno do ano anterior sobre o Acordo de Transferência, os participantes nesta discussão estavam visivelmente cansados desta contradição aberta, desejavam parar de pedir desculpas e procurou expressar claramente as prioridades do Yishuv. "Eu pretendo levar o debate a um certo ponto para que não precisemos mais gaguejar em diversas ocasiões",89 declarou Sprinzak. O resultado da votação fornece mais provas

desta inclinação: Cinco eram a favor do acordo de exportação de laranja com a Alemanha e autorizou a Histadrut a participar, um absteve-se e apenas um registou a sua oposição.90

O prestígio do movimento sionista e, em particular, do movimento trabalhista foi gravemente afectados pelo seu apoio ao Acordo de Transferência e às exportações de laranja. Isto Foi difícil equilibrar o ganho económico do Yishuv com os danos de princípio o estatuto do sionismo. Tais discussões tornaram-se mais intensas ao longo dos anos. "Depois tendo visitado a Alemanha, comecei a ter dúvidas sobre a transferência", disse Eliezer Kaplan no outono de 1933. "Descobri que a coisa toda diz respeito a um pequeno fração do capital judaico total. [...] As somas de que estamos a falar são apenas uma gota no oceano a este respeito."91 Aharonowitz expressou apreensões semelhantes por ano

mais tarde:

Tenho a sensação de que estamos a violar o boicote e não temos forma de justificar isso. Não estamos fazendo isso para salvar os judeus, mas para construir casas para esta ou aquela organização. [...] Faremos pouco e pagaremos caro por isso. Iremos nos sujar de forma irreparável e também pagaremos caro pelo dinheiro.92

E ainda assim, um ano depois, Herzfeld falou inequivocamente: "Eles tiveram grandes expectativas, e o que fizemos? A transferência. Em vez de efectuarmos um grande resgate, conseguimos um resgate insignificante e humilhámo-nos no processo."93 Este debate coincidiu com uma tentativa de redefinir a relação Yishuv-Diáspora, que parecia estar se tornando mais complicado. No Congresso Judaico Mundial, Nahum Goldmann

⁸⁸ Horin, Comitê Executivo, 8 de novembro de 1934, p. 5, Instituto Lavon.

⁸⁹ Sprinzak, Comitê Executivo, 8 de novembro de 1934, Lavon Institute.

⁹⁰ Comitê Executivo, 8 de novembro de 1934, Instituto Lavon.

⁹¹ Kaplan, Comitê Executivo, 25 de setembro de 1933, p. 8, Instituto Lavon.

⁹² Aharonowitz, Comitê Executivo, 26 de novembro de 1934, p. 3, Instituto Lavon.

⁹³ Herzfeld, Comitê Executivo, 4 de novembro de 1935, p. 9, Instituto Lavon.



expressou o receio de que o “aparelho sionista” tivesse perdido a sua capacidade de enfrentar “os problemas da diáspora”.⁹⁴ Muitos dos seus colegas partilhavam este pensamento. Em cima de esta foi a luta destruidora dentro do sionismo entre o Partido Trabalhista Palestino movimento e os Revisionistas, enquanto os Trabalhistas procuravam uma resposta às reivindicações dos Revisionistas alegação de que estes acordos significaram uma dissociação do Yishuv das necessidades de Judaísmo da Diáspora.

O movimento trabalhista baseou a sua posição na dicotomia entre a construção do país e a Diáspora, entre a acção e o orgulho. Moshe Shertok, de Arlosoroff sucessor como chefe do Departamento Político da Agência Judaica, não mediu palavras:

Opus-me ao boicote desde o início porque o considere um gesto ao estilo da diáspora, um bálsamo para a alma ferida. Um coração judeu abriga tal sentimento, mas um movimento político não pode agir apenas de acordo com os sentimentos. [...] Construir o país é a nossa guerra com a Alemanha, e este deve ser o nosso foco.⁹⁵

Aharonowitz chamou o boicote de “cabaça de pele inchada”.

Estas afirmações semiprivadas, proferidas num ambiente interno, fundiram-se numa declaração oficial. posição que beirava a beligerância. Na reunião do Conselho Geral Sionista em Jerusalém, em Abril de 1935, Shertok atacou novamente o boicote.⁹⁷ Ele resumiu a

A resposta da diáspora aos “problemas em que está imersa” como “martírio”, uma “movimento de protesto” e “o resultado inevitável da assimilação”. Neste espírito, ele atacou o “boicote” e declarou que “é o destino do sionismo ser cruel com o

A diáspora em momentos [...] quando isso é necessário para construir o país.” Como

antes, Gruenbaum e Goldmann rejeitaram qualquer tentativa de construir uma Palestina-

A dicotomia da diáspora, e Goldmann lucidamente argumentou: “Não existe primazia da Palestina, existe apenas primazia do povo judeu.”⁹⁸ A questão chegou a uma conclusão clara, fervura inequívoca no Décimo Nono Congresso Sionista em setembro de 1935. Golda

Meyerson do Mapai expressou o apoio do seu partido ao Acordo de Transferência:

⁹⁴ *Protocolo*, pág. 35.

⁹⁵ Moshe Shertok, Comitê Executivo, 25 de setembro de 1933, p. 7, Instituto Lavon.

⁹⁶ Aharonowitz, Comitê Executivo, 25 de setembro de 1933, p. 4, Instituto Lavon.

⁹⁷ Reunião do Conselho Geral Sionista em Jerusalém, 4 de abril de 1935, p. 250, CZA.

⁹⁸ *Ibid.*, pág. 254.



Uma guerra contra a Alemanha de Hitler não significa uma guerra contra os judeus. [...] Houve um tempo [...] em que respondemos ao sofrimento judaico apenas lamentando e protestando. O único ponto de luz no actual desastre é que, além de lamentar e protestar, temos agora possibilidades práticas de fazer algo real para salvar dezenas de milhares de judeus. [...] O movimento sionista amadureceu a tal ponto que considera a transferência nas circunstâncias atuais absolutamente essencial e está disposto a aceitar a responsabilidade nesta questão.⁹⁹

Assim, “lamento e protesto” tornou-se a voz da Diáspora e, mesmo que não seja explicitamente descrita como tal, a voz do Revisionismo e da demagogia.¹⁰⁰ David Remez

evocou um símile semelhante que atestou, mais do que qualquer outra coisa, a autoimagem de membros do movimento trabalhista:

Vejo toda a questão da transferência e da calamidade judaica na Alemanha como uma espécie de incêndio, e em cada incêndio há bombeiros e socorristas. Os Revisionistas querem ser os bombeiros e extinguir o fogo de Hitler, enquanto nós queremos resgatar os judeus alemães. Mas os nossos bombeiros estão a derramar água sobre nós, os socorristas, em vez de a deitarem no fogo.¹⁰¹

O movimento trabalhista, que deu o tom ao movimento sionista e à Palestina

esforço de assentamento, portanto decidiu fazer “algo real para salvar dezenas de milhares dos judeus”, nas palavras de Golda Meyerson. Assim, o Congresso Sionista endossou a Acordo de Transferência por 169 votos a favor, 12 contra e 17 abstenções.

O activismo sionista, tal como expresso por Meyerson nas suas observações anteriores, superou o voz da diáspora. A guerra contra o nazismo, conduzida pela mobilização do público mundial opinião e montando uma luta simbólica de princípios, como o movimento de boicote havia feito, não foi percebido na época como nada mais do que “lamento e protesto”.

Em vista da história judaica

Em 1933, o movimento sionista era um jovem movimento nacional que, no entanto, tinha acumulado alguma experiência e, em qualquer caso, possuía uma memória histórica. O mudança dramática no status dos judeus alemães encontrou a comunidade sionista mundial movimento e a Federação Sionista na Alemanha despreparados no sentido prático.

⁹⁹ O Décimo Nono Congresso Sionista e o Quarto Conselho da Agência Judaica, Lucerna, 20 de agosto-6 de setembro de 1935, relatório datilografado, Jerusalém, pp.

¹⁰⁰ Golomb, Comitê Executivo, 4 de novembro de 1935; Remez, Comitê Executivo, 12 de dezembro de 1935, Lavon Institute.

¹⁰¹ Reunião do Executivo Sionista, Jerusalém, 4 de abril de 1935, p. 249, CZA.



Ao nível dos princípios, o movimento sionista alertou frequentemente os judeus da diáspora do perigo que enfrentava, embora não tenha tomado decisões práticas à luz do essa consciência. Embora os sionistas alertassem frequentemente sobre o anti-semitismo e a situação de deterioração dos judeus da Diáspora, eles associaram estes fenômenos com a status dos judeus na Europa Oriental, e isso sem dúvida tornou difícil para eles confrontar as realidades judaicas na Alemanha pós-1932.

Um dos eventos dramáticos que moldaram a consciência sionista naqueles anos foi o destino dos judeus soviéticos após a revolução bolchevique. Até a revolução, a Rússia A judiaria tinha sido considerada o núcleo da judiaria europeia, e a sua comunidade pós-revolução a dissociação do resto do povo judeu fez com que o centro judaico na Europa mudasse radicalmente.¹⁰² A possibilidade de uma dissociação imposta afectar todo um povo judeu comunidade, incluindo a proibição da expressão religiosa judaica, tornou-se um pesadelo e uma ameaça perpétua à liderança judaica na Palestina e na Diáspora. O condição e status dos judeus soviéticos era uma questão central em todos os países judaicos do mundo. reunião, e eles foram mencionados ao mesmo tempo que o destino dos judeus alemães. Assim, por exemplo, Beilinson alertou o movimento sionista para se distanciar do boicote alegando que:

Não há destino pior do que o dos judeus russos, que não estão autorizados a viajar para a Palestina. [...] Hoje esta possibilidade existe [na Alemanha, ed.], mas apenas por causa da nossa recusa em aderir ao boicote. Esta é a nossa única arma. Hitler não está preocupado em garantir a emigração judaica para a Palestina; só a nossa neutralidade – certamente o nosso “poder” é exagerado – torna possível o empreendimento sionista. Uma mudança na nossa posição paralisaria todo o empreendimento sionista, e particularmente a emigração da Alemanha. Os judeus alemães ainda não estão na situação dos judeus russos, e não quero levá-los a tal situação.¹⁰³

O Senador Werner David favoreceu o Acordo de Transferência pelo mesmo motivo:

“Caso contrário, os judeus alemães serão presos tal como os judeus russos foram, e serão perdidos para o desenvolvimento da Palestina.”¹⁰⁴ Tendo em conta a experiência histórica dos judeus soviéticos, muitos consideraram a ruptura das relações entre as comunidades judaicas como a maior ameaça possível tanto para os próprios judeus como para a força dos judeus.

¹⁰² Kurt Blumenfeld, *Erlebte Judenfrage. Ein vierteljahrhundert deutscher Zionismus*, (Estugarda: Deutsche Verlags-Anstalt, 1962), p. 121.

¹⁰³ Beilinson, Comitê Executivo, 25 de setembro de 1933, p. 7, Instituto Lavon.

¹⁰⁴ Gelber II, pág. 68.



Portanto, qualquer abertura estreita que facilitasse o diálogo entre o Yishuv e

A Alemanha nazista, de modo a permitir que os judeus emigrassem para a Palestina, ofereceu uma oportunidade de libertação que não deve ser desperdiçada. Nessa perspectiva, não é surpreendente que a liderança do Yishuv não visse nenhum propósito por trás de uma ação como a boicote, que pode perturbar ou mesmo pôr termo a esse diálogo. Claro, alguém pode chegar a conclusões completamente diferentes estudando os próprios eventos.

Gruenbaum exigiu que:

...nenhuma comparação [pode ser feita] entre a Alemanha de Hitler e a luta contra a Rússia Czarista. Lá, eles lutavam contra o regime mais atrasado do mundo civilizado, [um regime] que não desejava conceder direitos iguais aos judeus; enquanto aqui temos uma grande nação culta que quer privar os judeus dos direitos que lhes foram concedidos décadas antes. A este respeito, a Alemanha deseja servir de exemplo para outros países europeus e, portanto, devemos combater Hitler com todas as nossas forças.¹⁰⁵

Golomb e outros, por outro lado, temiam que “os judeus alemães desceriam ao status dos judeus russos”, embora ele considerasse que isto era um perigo substancial “apenas se a nossa resposta ao hitlerismo afrouxasse.”¹⁰⁶ Portanto, ele acreditava que apenas a oposição activa ao nazismo poderia impedir a propagação do processo anti-semita.

O destino dos judeus soviéticos era de relevância questionável para o perigo enfrentado pelos Judaísmo Alemão. Os judeus soviéticos encontraram enormes dificuldades em manter Vida religiosa judaica, mas apenas na medida em que a União Soviética minou a religião em geral. Da mesma forma, a URSS não deu aos judeus nenhuma oportunidade de expressarem a sua nacionalidade. No entanto, os judeus tinham direitos iguais aos dos cidadãos soviéticos e o racismo era proibido por lei. A Alemanha nazista não proibiu nem o sionismo nem o judaísmo; no pelo contrário, na verdade deu rédea solta às organizações judaicas isolacionistas e claramente preferiu-os às entidades judaico-alemãs assimilacionistas. Na Alemanha, a vida dos Judeus *individuais* estavam em perigo; já em 1933, os judeus como indivíduos estavam sendo expulso da vida alemã. Na União Soviética, pelo contrário, todos os esforços estavam a ser feito para assimilar os judeus como indivíduos. Utilização do modelo soviético para justificar a Acordo de Transferência ou mobilizar apoio para a luta contra o nazismo é evidência do tateamento conceitual que caracterizou o sionismo nos primeiros anos depois de 1933. No entanto, os sionistas tinham razão em temer a possibilidade de que um

¹⁰⁵ Reunião do Executivo Sionista, Jerusalém, 4 de abril de 1935, p. 254, CZA.

¹⁰⁶ Golomb em Gelber II, p. 68.



toda a comunidade judaica seria colocada em quarentena e teria a possibilidade de partir negada. Em nesse sentido, o Acordo de Transferência, que propunha salvar o máximo de capital judeu possível e usá-lo para expandir a capacidade de absorção da Palestina, provou ser um medida correta e clarividente, mesmo que não tenha fornecido uma solução para os judeus alemães como um todo.

Os defensores da transferência, assim como os do boicote, invocaram símiles, citaram precedentes históricos e estabeleceu metas que eram dissonantes com o espírito da época e falhou em reconhecer a diferença básica entre o nazismo e o velho tipo familiar do anti-semitismo que existia até então na Europa Oriental. Como observado no no início deste artigo, sabe-se hoje que o boicote judaico teve muito pouco efeito sobre a economia alemã, *nomeadamente* porque o comércio externo não foi um factor decisivo factor importante na estabilidade económica alemã. Não foram necessários dados económicos *post factum* para fundamentar isso; alguns observadores sabiam durante os próprios acontecimentos que um boicote económico apenas “ beneficiaria aqueles contra quem é dirigido”.

ingênuo por parte das organizações judaicas mundiais em pensar que poderiam restringir, deixar por si só, esmagam a capacidade económica da Alemanha nazi. Muitos judeus rapidamente perceberam que era impossível influenciar as relações comerciais entre vários países e Alemanha se isso entrasse em conflito com os interesses económicos destes países. A própria crença de que o facto de os judeus possuírem tal poder económico era uma consequência do estereótipo anti-semita exagerado da influência económica judaica.¹⁰⁸

O seguinte incidente ilustra o extremo anacronismo que atormentou o boicote ações de apoiadores: O Comitê Judaico Unido para a Luta contra os Antijudaicos Perseguição na Alemanha, com sede em Bialystok, arrecadou dinheiro para judeus que fugiram Alemanha. O dinheiro foi arrecadado por meio de doações e multas aplicadas a violadores do boicote. A comissão optou por encaminhar o montante angariado, 1.200 zloty, para Chaim Weizmann, para uso na qualidade de diretor do departamento que reassentou Judeus Alemães na Palestina. Caso contrário, argumentou a comissão, “o assunto irá eventualmente for esquecido, o dinheiro será usado para a continuação da ajuda local improdutiva e o dinheiro será desperdiçado.”¹⁰⁹ A devoção dos chefes do Bialystok comitê de boicote, que encaminhou seus zlotys ao Departamento de Liquidação -

¹⁰⁷ Beilinson, Comitê Executivo, 25 de setembro de 1973, p. 7, Instituto Lavon.

¹⁰⁸ Este ponto é levantado em Bernard Krikler, “Boycotting Nazi Germany”, *The Wiener Library Bulletin*, vol. XXIII, não. 4 (1969), pp.

¹⁰⁹ Organização Sionista na Polônia, filial de Bialystok, ao Executivo Sionista em Londres, 8 de fevereiro de 1934, CZA, L 13/32.



traçando uma distinção clara entre “ajuda local improdutiva” e uma contribuição para o reassentamento de judeus alemães na Palestina - foi um produto da ideologia sionista. O desproporção entre a situação dos judeus de Bialystok em meados da década de 1930, a destruição dos judeus alemães e os 1.200 zlotys que seriam enviados à Palestina como a ajuda produtiva aos assentamentos judaico-alemães proporciona a melhor evidência da grande disparidade entre a situação dos judeus europeus no década de 1930 e as soluções práticas que surgiram das tentativas judaicas de confrontar o situação através da acção política.

O idealismo, o anacronismo e a ingenuidade que permeavam as opiniões dos defensores do boicote foram acompanhados por um certo heroísmo.¹¹⁰ Sob a sua influência, muitos Os judeus polacos estavam dispostos a lutar contra o nazismo, alheios à real improbabilidade de sucesso em tal luta, e estavam preparados para fazer grande auto-sacrifício, como refletido nas perdas que sofreram devido ao boicote. Além disso, deve-se considerar o diferença fundamental nas condições básicas na Alemanha e na Polónia, como Gruenbaum resumiu apropriadamente:

Se o que aconteceu na Alemanha tivesse acontecido na Polónia, alguns judeus polacos poderiam ter-se oposto à transferência. Mas há três milhões de judeus na Polónia, e lá é possível uma guerra política. Não é assim na Alemanha. Lá, a guerra é impossível e a situação dos judeus alemães é trágica. Devemos ajudá-los, e este é o propósito da transferência.¹¹¹

Conclusão

O boicote judaico contra a Alemanha nazista diminuiu ao longo dos anos e desapareceu agenda pública à medida que a Alemanha nazi consolidava o seu estatuto económico e internacional. O tratado de não agressão germano-polaco viciou iniciativas anti-alemãs na Polónia, e no tratado económico entre os dois países em Novembro de 1935, a Alemanha obteve um compromisso polaco de tomar medidas contra os comités de boicote anti-alemães na Polónia.¹¹² O Acordo de Transferência permaneceu em vigor durante estes

¹¹⁰ Ver Ezra Mendelsohn, “The Dilemma of Jewish Politics in Poland: Four Responses”, em Bela Vago e George L. Mosse, eds., *Judeus e Não-Judeus na Europa Oriental 1918-1945*, Nova York: John Wiley and Sons, 1974 , pp.

¹¹¹ Reunião do Executivo Sionista, Jerusalém, 4 de abril de 1935, p. 254, CZA.

¹¹² Apolinary Hartglas, “As Lutas dos Judeus Polacos pelos seus Direitos Cívicos e Nacionais”, em Heilprin, ed., *Polish Jewry from its Origins*, p. 148; Emanuel Meltzer, “Relações polaco-alemãs em 1935-1938 e seu efeito sobre o problema judaico na Polónia”, *Yad Vashem Studies* 12 (1978), p. 203; e Wislicki, “O Boicote Judaico”, pp.



anos, embora tenham surgido dificuldades na sua implementação. A raiz dessas dificuldades foi a incapacidade da economia incipiente da Palestina de absorver o capital judeu no forma de mercadorias. Consequentemente, foi feita uma tentativa de expandir a esfera do comércio da Palestina a todo o Médio Oriente. Esta jogada esbarrou em muitos obstáculos, incluindo o boicote antijudaico nos países relevantes. Apesar dos esforços para expandir dada a escala do boicote, muitos judeus alemães não conseguiram fazer uso do capital que tinham libertado ao abrigo do Acordo de Transferência. Um acordo semelhante ao O Acordo de Transferência, conhecido como Acordo de Compensação, foi elaborado entre o Agência Judaica e o Governo Polaco na segunda metade de 1936 e assinado em Março de 1937.¹¹³ O seu objectivo era permitir aos emigrantes judeus da Polónia transferir seus activos para a Palestina, apesar das leis monetárias polacas, comprando produtos polacos. Ao contrário do Acordo de Transferência, a “compensação” deveria ser recíproca, ou seja, criar a possibilidade de transferências de capitais e bens da Polónia para a Palestina e vice-versa. O caminho para este acordo foi complicado, porque a Agência Judaica teve de se proteger contra as exigências polacas de ditar a política, através do acordo, na distribuição de certificados de imigração. Dificuldades adicionais resultaram lutas internas do lado judeu. Os Revisionistas, depois de terem formado um amplo frente em oposição ao Acordo de Transferência quando este estava sendo elaborado, evidenciado grande interesse no Acordo de Compensação e tentou concluir acordos que contornariam a Agência Judaica, da qual eles tinham separados por esta altura. O Acordo de Compensação começou a se fundir à medida que a condição de A judiaria polaca deteriorou-se e os debates sobre a “evacuação” tornaram-se mais frequentes. Gruenbaum liderou as negociações em nome da Agência Judaica, implementando sua profecia sombria sobre “fuga e êxodo organizado”. Esses os desenvolvimentos subsequentes na Polónia provaram assim a triste impotência do movimento de boicote em contraste com a praticidade da fórmula sionista.

Traduzido por Naftali Greenwood

Fonte: *Estudos Yad Vashem* Vol. XXVI, Jerusalém 1998, pp 129-172

¹¹³ CZA, S 46/289; Meltzer, *Luta Política*, pp.